

14867 - Agroecologia: Conteúdo de Geografia no Fundamental.

Agroecology: Content of Geography in Elementary.

ZAGOTTO, Clarissa da cunha¹; BUSNARDO, Diogo²; RODY, Thalita³; DEPRÁ, Juliana⁴; SILVA, Luíza Cristina Silva⁵.

1 Universidade Federal de Viçosa, clarissa.estagiaria@ctazm.org.br; 2 Apêti, diogobusnardo@hotmail.com; 3 Universidade Federal de Viçosa, thalita.estagiaria@ctazm.org.br; 4 Universidade Federal de Viçosa, juliana.estagiaria@ctazm.org.br; Universidade Federal de Viçosa, luizacristinaa@yahoo.com.br.

Resumo: A Agricultura de produção Agroecológica como prática da vida cotidiana incita a discussão de geografias do espaço, e a ciência Agroecologia também está perpetrando discussões geográficas. Enquanto a Geografia Escolar, nos livros didáticos, espera por uma renovação crítica. Propomos a discutir agroecologia junto ao conteúdo de espaço agrário e agricultura brasileira do 7º ano da Escola Estadual Santa Rita de Cássia, através de uma aula introdutória e aula de campo com as metodologias do Jogo da Sócio-biodiversidade e a Trilha Agroecológica no Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata de Minas Gerais.

Palavras-Chave: Agroecologia; Geografia Escolar; Sócio-biodiversidade;

Abstract: The Agriculture and Agroecological production practice of everyday life encourages discussion of geographic space, and the science that studies the agroecological practices is also perpetrates geographical discussions. While Geography School, in textbooks, waiting for a renewal criticizes. We propose to discuss agroecology with the contents of Brazilian agriculture and agrarian space of the 7th year of the State School Santa Rita, through an introductory lecture and class field with the methodologies of the Game of socio-biodiversity and the Agroecological trail in the Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata of Minas Gerais.

Keywords: Agroecology; School Geography, Socio-biodiversity

Contexto

A inserção da Agroecologia no conteúdo de Geografia, que abarca a discussão de espaço agrário e agricultura, no 7º ano da Escola Estadual Santa Rita de Cássia em Viçosa – MG vincula-se ao projeto de ensino desenvolvido pela professora de geografia, também orientadora das atividades para o cumprimento da disciplina de Estágio Supervisionado de Ensino III do curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa. Uma das intervenções foi realizada no Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira em parceria com o grupo Apêti. Pretendíamos junto à turma promover a reflexão sobre os princípios da Agroecologia, refletir sobre a conservação do meio ambiente e do seu uso como recurso, também problematizar o modelo hegemônico de agricultura, os transgênicos e o uso de agrotóxico.

A começar pelos primeiros questionamentos sobre a função do ensino de geografia na sociedade, e sobre de que forma e quais conteúdos geográficos podem promover experiências, fazer sentido, para educandas(os) do fundamental que possam desencadear a apreensão do espaço e diante a mesma posturas cidadãs. Uma vez que, o espaço geográfico é produto da organização social, e reproduz a sociedade que o situa. O espaço escolar não foge a regra, sobretudo porque, como afirma

Dayrell, as relações sociais capitalistas têm influência significativa na definição das estruturas de ensino, bem como, sobre as relações dos sujeitos e sobre os envolvidos nos processos educativos. E assim como Dayrell, nos agitamos a cerca da construção de uma escola que (deve) pode ser o espaço de vivências culturais e desenvolvimento do indivíduo, o que contraria as influencias das relações capitalistas no ensino.

Os Conteúdos Básicos Comuns (CBCs) concatenados com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), por eixos temáticos propõem a aproximação dos conteúdos propedêuticos da cotidianidade das(os) alunas(os) do ensino fundamental. Aposta numa disciplina capaz de aguçar o senso crítico, sobre a realidade em que vivemos, ao problematizar suas contradições. O sentido de ensinar geografia no documento é desenvolver nos indivíduos, através dos conteúdos geográficos, o senso crítico sobre o espaço da vida cotidiana. Através da apreensão das espacialidades e temporalidades as educandas (os) estarão aptos ao exercício de cidadania e a emitir as críticas devidas às relações socioespaciais que presenciamos. Por ora, a geografia escolar nos aparece assim, definida pelos que sonham os legalistas do Estado brasileiro, cooptado pelos fundos internacionais, em oposição à geografia da realidade de sala de aula na escola.

Para Kaecher (1999), faz-se necessário conhecer os caminhos teórico-metodológicos percorridos pela geografia para entendermos as razões pelas quais a geografia na escola ainda se inspira numa geografia tradicional e dessa forma é apropriada pelas(os) educandas(os). Muito recentemente, durante a ditadura militar no Brasil imperava nas salas de aulas uma Geografia positivista-descritiva. Por isso, não raro os símbolos no imaginário do estudantado de geografia significar imagens naturais ou da paisagem, ou ainda a cerca de conceitos da geografia física, como clima e vegetação, não com menos frequência uma visão naturalizada das relações sociais e do homem e da mulher, além da desapropriação da análise do espaço e seu conteúdo social.

Afinal, “Inserir o homem comum à temática da Geografia poderia acirrar contradições do tipo ‘De quem é essa terra? Por que ela está ociosa? Por que tantos famintos nesse país?’, etc. Com certeza, tais questões não interessariam aos detentores do poder estatal e econômico.” (KAERCHER, 1999) Quando o papel da geografia deveria ser de “entender a sociedade e suas contradições usando o espaço como categoria para tal entendimento” (KAECHER, 2007). Frente essa compreensão do ensino da disciplina, e dos conteúdos das questões que deveriam ser levantadas, que inserimos as discussões geográficas de sala de aula o conteúdo de Agroecologia.

O conceito tem repercussão na década de 70, e a agroecologia começa a ser discutida enquanto ciência, mas a prática agroecológica no espaço agrário brasileiro antecede à discussão acadêmica. Sua técnica não trabalha com fórmula comum, e respeita o tempo da vida da natureza. É um modelo de produção agrícola contra a hegemonia do agronegócio, o uso de agrotóxicos e sementes transgênicas. A Agroecologia também luta pela democratização e acesso à terra discutindo Reforma Agrária e permanência no campo. Além disso, é a Agricultura Familiar a responsável pela construção da agroecologia e pela produção agroecológica. Em suma, constitui-se de conteúdos de relevância nas discussões geográficas acadêmicas

que, por ora, ainda não enraizou-se na geografia escolar.

Descrição da experiência

A Agroecologia inserida no conteúdo foi debatida em sala de aula. Com o objetivo de promover a reflexão sobre o manejo agroecológico e seus pressupostos políticos frente ao modelo do agronegócio brasileiro. O plano de aula foi discutido coletivamente, pois a discussão em sala também cumpriria o objetivo de embasar a aula de campo no Centro de Tecnologias Alternativas.

Em sala a agroecologia foi trabalhada com imagens das paisagens do agronegócio e das paisagens da sócio-biodiversidade da agroecologia. Para falarmos da temática, seus pressupostos políticos e princípios, bem como, trabalhar os conceitos que abarcam a construção agroecológica. Quem ministrava a aula tomou como norteadora da discussão palavras postas no quadro que representavam o que as(os) educandas(os) sabiam sobre agroecologia. Algumas palavras foram agricultura, ecologia, meio ambiente, água, adubo, planta e alimentação saudável. Alguns croquis também foram desenhados no quadro para a compreensão do conceito de sócio-biodiversidade.

A Agroecologia privilegia a Sócio-biodiversidade, que compreende a concepção do meio ambiente em equilíbrio, apreendido pelas suas relações ecológicas e relações de manejo do solo, água e etc, além da relação das mulheres e homens com a natureza, sob uma concepção de agricultura concebida com pressupostos de preservação dos recursos e alimentação saudável. É comum o plantio de fitoterápicos e espécies com beneficiamento humano indireto, justamente pela compreensão de ambiente equilibrado, assim como, o plantio de espécies que cumprem a função de fixar nutrientes no solo. Contudo, para a aula também destacamos o conceito da Sócio-biodiversidade, já que as intervenções também estavam concatenadas com o conteúdo trabalhado em sala através do livro didático, os modelos de agricultura.

Não raro, o espaço agrário brasileiro nos livros didáticos aparece com conteúdos que privilegiam a dicotomia dos conceitos agricultura e agricultura de subsistência. Para o conteúdo de agroecologia o conceito de sócio-biodiversidade também corrobora com a quebra do estereótipo de atraso da agricultura de subsistência, também privilegiamos a valorização da produção para o auto-consumo, e para a aula tentamos inserir a conceituação de produção agroecológica.

A aula de campo também discutida coletivamente, foi realizada no CTA-ZM com duas atividades, o Jogo da Sócio-biodiversidade e a Trilha Agroecológica. Essa última, é realizada na área experimental de SAF no local da entidade, na zona rural da Viçosa em Viçosa-MG. O CTA-ZM é uma entidade sem fins lucrativos desenvolve ações em parceria com sindicatos de agricultoras(es), organizações populares, movimentos sociais, universidades, grupos de extensão e pesquisa. Se propõem a incumbência de “Promover a agroecologia como ciência, prática e movimento, contribuindo para o fortalecimento das organizações, a equidade nas relações de gênero e gerações e a melhoria da condição de vida das famílias agricultoras, em todas as suas dimensões: econômica, social, ambiental, política e cultural”.

O Jogo da Sócio-biodiversidade consiste em uma metodologia de construção, em um painel, da paisagem da agroecologia. Imagens de monocultura deram o suporte para construirmos na oficina a paisagem que contrapõem o modelo. A paisagem construída, as relações ecológicas e a sócio-biodiversidade. As(os) educandas(os) foram divididos entre as atividades. Enquanto um grupo fazia a Trilha Agroecológica outro construía o painel no Jogo da Sócio-biodiversidade. Para o Jogo em grupos de aproximadamente cinco educandas(os), acompanhados cada um por uma coordenadora, as(os) educandas(os) elegeram imagens disponibilizadas de plantas, animais, pessoas e insetos. A discussão era sobre o valor social e ambiental de cada ser da natureza nas fotos escolhidas, o valor da sócio-biodiversidade e sua essencial importância para a Agroecologia. Além de como é a espacialidade da propriedade de Agricultura Familiar.

A construção do painel era a representação através da escolha das(os) educandas(os) para a montagem da paisagem de agroecologia. No momento de socialização e construção coletiva da representação, as imagens que eram desconhecidas aguçavam a curiosidade, *“que planta é essa?”*, *“para que serve?”*, *“onde ela fica, na lavoura ou horta?”* eram questionamentos recorrentes. E o segundo grupo vindo da trilha Agroecológica insere no processo de construção da representação as experiências e conhecimentos adquiridos no contato com Sistemas Agroflorestais, *“não tinha ideia de que as plantas e frutas podem ser macho, fêmea ou hermafrodita”*, na fala da educanda podemos extrair a apreensão de uma relação não dicotômica entre sociedade e natureza.

A Trilha Agroecológica foi outra metodologia eleita para a aula de campo, uma vez que, o contato com o a discussão na sua materialidade, por vezes, promove experiência e apropriação do conteúdo. Quando faz sentido para as(os) educandas(os) e educadoras(es). A trilha foi aberta pelo grupo Apêti e percorre toda a área experimental de Sistema Agroflorestal no CTA-ZM na Violeira. A trilha agroecológica no entender do grupo, é uma ferramenta poderosa na formação pessoal tanto dos estudantes quanto dos integrantes do grupo que facilitam a trilha. A área, que chegou a ser pastagem, foi implantada há 18 anos e está em processo regenerativo com árvores nativas que nasceram espontaneamente e com espécies de interesse (alimentícias) que foram plantadas. Tem como principais espécies de interesse o café, banana, jussara, manga e amora.

A área apresenta características de dois sistemas que foram implantados juntos mas um está sem manejo e o outro está manejado. Com a área é possível relacionar várias perspectivas transdisciplinares e trabalhar processo significativo de educação não formal. Nesse contexto o Apêti recebeu o convite de facilitar a trilha com educandas(os) do 7º ano da Escola Estadual Santa Rita de Cássia durante o período da tarde na segunda dia 15 de agosto. Antes de iniciar as trilhas, foi feita uma roda de apresentação.

No início da trilha explicamos o que é a área e os cuidados que devem ter (não sair da trilha e ter atenção com o chão) e ao iniciarmos, foi pedido que eles percebessem a textura das plantas, observassem como estava a luminosidade e estimassem quanta vida existia ali. Paramos à sombra de bananas e retomamos a discussão sobre agroecologia. O que vem na cabeça de cada um quando se fala em

agroecologia em uma palavra. Várias foram as palavras que apareceram e foi possível a partir dos conhecimentos de cada aluno, amarrar os temas que seriam tratados e apareceram naturalmente. Alguns desses temas foram valorização do agricultor, respeito a natureza, benefício das árvores, monocultura, agrotóxicos, consumismo, respeito as pessoas, entre outros.

Também durante a trilha foi perguntado se as(os) educandas(os) já conheciam alguma mata, parque, se já tinham feito trilhas, e a partir dessa conversa, foi feita uma analogia da agrofloresta com a floresta. Em seguida visitaram outras duas áreas com SAFs implantadas há dois anos e foi discutido o manejo do solo, dos organismos que compunham o sistema, os alimentos que poderiam ser tirados dali entre outros.

Resultados

É intangível, no entanto, podemos intuir que a reflexão sobre os princípios da agroecologia foi desenvolvida com as(os) educandas(os) do 7º ano da Escola Santa Rita de Cássia em Viçosa-MG educadoras e envolvidas(os) nas oficinas da aula de campo. Igualmente a reflexão sobre a preservação do meio ambiente, o modo de produção agroecológico, bem como, a importância da Agricultura Familiar e sobre a Sócio-biodiversidade. Para o Grupo Apêti a atividade foi significativa, promoveu experiência, mas precisa ser um trabalho contínuo das educadoras.

Além disso, é possível aferir que tenha ficado claro para as(os) educandas(os) o que difere a agroecologia da agricultura comercial, e somado a isso, a relevância que a produção agroecológica possui para a construção de uma vida mais saudável, com a produção de alimentos mais saudáveis e sem tóxicos, além de propor um manejo dos solos, águas e florestas imbuído de respeito pela vida e de seu valor social. Contudo, a Agroecologia enriqueceu de conteúdo, questionamentos e reflexões os conteúdos geográficos explorados no livro didático adotado para a escola, somado a sugestão de que as metodologias utilizadas, pautadas por uma educação popular, podem e são apropriadas para desenvolver os conteúdos geográficos do ensino fundamental.

Agradecimentos:

Esse relato se deve ao projeto educacional desenvolvido pela professora e geógrafa Maria Helena de Carvalho Rodrigues em exercício na Escola Estadual Santa Rita de Cássia em Viçosa-MG. Nosso entusiasmado Obrigada! Devemos agradecer também as orientações das professoras Janete Regina de Oliveira, Nina Zamagno Pinheiro e as técnicas do CTA-ZM Auxiliadora Aparecida Feital e Priscila Daniele Ladeira. Agradecimentos carinhosos a Israel Junior, ao Grupo Apêti e ao Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata e seu corpo técnico.

Referências bibliográficas:

KAERCHER, Nestor André. *Geografia: Limites-Entraves e Possibilidades-Utopias*. In Desafios e Utopias do Ensino de Geografia. Santa Cruz do Sul: EDUNIS, 1999.
DAYRELL, Juarez. A Escola como Espaço Sócio-Cultural. In: DAYRELL, Juarez. *Multiplos Olhares: sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 136-161.